

A INFLUÊNCIA CULTURAL DA LITERATURA PRODUZIDA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA NA FORMAÇÃO DO LEITOR JUVENIL

Identificação:

Grande área do CNPq: Ciências Humanas
Área do CNPq: Educação e Linguagens
Título do Projeto: A influência cultural da literatura produzida em língua estrangeira na formação do leitor juvenil
Professor Orientador: Maria Amélia Dalvi
Estudante PIBIC/PIVIC: Daiane Francis Fernandes Ferreira / Josineia Sousa da Silva

Resumo: Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa qualitativa, interpretativa e bibliográfico-documental vincada pelo pensamento de Roger Chartier de perspectiva teórico-metodológica histórico-cultural. Visou a compreender a relação de alunos do Ensino Médio com a presença de textos literários de origem estrangeira em seu manual didático de Língua Portuguesa, mais particularmente, teve como objetivo identificar a percepção do discente quanto à presença da literatura estrangeira no livro didático, e a sua possível influência em hábitos, opiniões ou estímulos, como o desejo de aprender outro idioma, cultura ou costume. Para isso, aplicou-se um questionário para todas as séries do Ensino Médio de três escolas públicas de diferentes cidades da Grande Vitória, depreendendo-se fortes resultados sobre a percepção dos alunos acerca da origem dos textos literários presentes nos manuais em questão, e sobre a indisponibilidade e ausência de interesse de pesquisar sobre a literatura estrangeira fora do contexto escolar, contribuindo, assim, para o avanço do conhecimento tanto em relação às áreas temáticas mais evidentes (leitura, literatura, materiais didáticos) quanto em relação às opções teórico-metodológicas e epistemológicas, ao dar a ver uma possibilidade de diálogo efetivo entre a teoria e a prática de pesquisa.

Palavras-chave: *Leitura, Literatura estrangeira, Livro Didático, Influência cultural.*

1 – Introdução

Este estudo vinculou-se ao projeto “Literatura, História, e Educação – estudo das relações entre livros, leitura, leitores e literatura (parte 1)” que, tem como objetivo geral traçar linhas de força e de fuga – a partir de múltiplos objetos culturais escritos que circula(ra)m na escola e na universidade, bem como e a partir das memórias de professores registradas em vídeos – que engendra(ra)m uma história da educação literária no Espírito Santo, subsidiando, com o acervo produzido, futuras pesquisas que lancem questões às zonas de opacidade imbricadas nas relações entre Cultura, Educação, História e Literatura; caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa, interpretativa e bibliográfico-documental cuja abordagem teórico-metodológica é histórico-cultural (levando-se em conta, privilegiadamente, o pensamento do historiador francês Roger Chartier). Coordenado pela professora Dr^a. Maria Amélia Dalvi, este projeto, intitulado “A influência cultural da literatura estrangeira na formação do leitor juvenil”, por sua vez, visou a compreender como se dava a relação dos alunos do Ensino médio com a Literatura de origem estrangeira, em particular, a que estava presente nos livros didáticos

de Língua Portuguesa de suas escolas. Essa compreensão se deu a partir da aplicação de questionários para todos os anos do Ensino Médio de três escolas de cidades diferentes da Grande Vitória. O questionário, composto por nove perguntas, abrangeu desde a faixa etária dos discentes até seus respectivos hábitos de leitura, dessas, enfatizamos quatro questões centrais, são elas: a) a opinião sobre os textos literários presentes no livro didático de Língua Portuguesa; b) se o livro didático possui algum texto de origem estrangeira (textos produzidos por autores de outros países); c) baseado na resposta da questão anterior, se algum texto estrangeiro presente no livro didático já chamou sua atenção a ponto sentir vontade de pesquisar mais sobre o assunto, sobre o autor ou sobre o país do autor; d) se o contato com textos de origem estrangeira que falam de outro país, outras culturas e outras formas de pensar, já influenciaram a opinião sobre algum assunto ou modificaram seu comportamento.

Essas perguntas nos ajudam colocar em discussão o fato de que, atualmente, os livros didáticos de Língua Portuguesa e Literatura estão presentes na maioria das escolas públicas nacionais, em função do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que foi criado em 1985 e aperfeiçoado em 1995, lançando critérios mais rigorosos de avaliação e guias comentados para o processo de seleção das escolas, Choppin (2004). No entanto, a presença destes livros no ambiente escolar, não garante a transmissão dos conhecimentos e nem a apropriação por parte dos alunos sobre os conteúdos ofertados, principalmente, pela atual configuração destes manuais, que além de possuírem a presença de textos literários, sejam eles de origem nacional ou não, também englobam diferentes gêneros, assuntos e estrutura, o que corrobora com a complexidade no processo de ensino aprendizagem na escola, mais especificamente, no ensino médio. Essa problemática se estende também ao corpo docente que, diante da pluralidade de conteúdos, normas curriculares e institucionais dispõem da responsabilidade do ensino por meio da seleção ou priorização de conteúdos em tempo e espaço limitado.

Desse modo, tendo em mente a importância dos manuais didáticos no contexto escolar, bem como o papel que eles desempenham na formação do cidadão, que, Segundo Choppin (2004), pode ser de influência ou até manipulação acerca de determinados assuntos, pois, “vê-se que muitas obras didáticas foram produzidas com o objetivo de formar uma determinada opinião acerca de algum país ou acontecimento, de manter a identidade nacional de um povo, e até de excluir ou priorizar algumas culturas”, esta pesquisa se justifica e visa a analisar, se as obras didáticas de Língua Portuguesa que circulam no ambiente escolar em questão priorizam alguma cultura internacional específica, a ponto de chamar a atenção do público juvenil e influenciá-lo sobre determinado acontecimento, país ou costume.

Sendo assim, acreditamos que este projeto de pesquisa contribui para o avanço do conhecimento tanto em relação a suas áreas temáticas mais evidentes (leitura, literatura estrangeira, materiais didáticos, história da Educação no Espírito Santo) quanto em relação às opções teórico-metodológicas e epistemológicas, ao dar a ver uma possibilidade de diálogo efetivo entre a teoria e a prática de pesquisa.

2 – Objetivos

A pesquisa em questão objetivou:

- a) Identificar a percepção do público juvenil acerca da presença da literatura de origem estrangeira nos livros didáticos de Língua Portuguesa;
- b) Compreender se a presença da literatura estrangeira nestes manuais didáticos exerce alguma influência cultural a esse público amostral.
- c) Formar um corpo bibliográfico que esteja à disposição de outros pesquisadores a fim de refletir sobre Leitura, Literatura estrangeira e Materiais didáticos, especificamente, no estado do Espírito Santo;
- d) Participar de eventos da área de estudo da pesquisa com vistas à socialização/debate dos resultados;
- e) Disponibilizar os resultados dos estudos por meio de artigos e postagens em páginas da internet.

3 – Metodologia

Trata-se de uma análise vinculada pelo pensamento de Roger Chartier (1988, 1991, 2002, 2011) de perspectiva teórico-metodológica histórico-cultural a qual “[...] tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER 1988). Essa perspectiva auxilia a reflexão, com as sempre necessárias revisões, acerca de impressos que têm ampla divulgação; a respeito da pesquisa do particular, em lugar da generalidade; além de, dá a ver possibilidades de leituras sobre as utilizações dos materiais escritos privilegiados inseridos no contexto preciso, localizado, específico que lhes confere sentido. Assim, inventariamos, como suporte, fontes documentais escritas por meio de respostas em questionários aplicados em três escolas da região metropolitana da Grande Vitória, a saber, Cariacica, Serra e Guarapari. Para cada escola foram disponibilizados 100 questionários com nove perguntas (fechadas e abertas) - dados a respostas aos alunos dos primeiros, segundos e terceiros anos do ensino médio. As respostas foram catalogadas em planilhas e contabilizadas para a interpretação dos dados, totalizando 231 jovens da rede pública respondentes.

As perguntas de investigação pretendiam: 1) identificar a idade e a série do aluno participante; 2) saber a opinião do aluno sobre os textos literários presentes no livro didático de Língua Portuguesa; 3) detectar se o Livro didático possuía algum texto de origem estrangeira (textos produzidos por autores de outros países); 4) revelar se algum texto estrangeiro presente no livro didático já chamou atenção a ponto de despertar vontade de pesquisar mais sobre o assunto, o autor ou país do autor; 5) apresentar dados a respeito do hábito de ler livros de literatura; 6) apontar se algum livro citado sobre literatura era ou não de origem estrangeira; 7) especificar se a leitura se deu na língua original (estrangeira) ou em uma versão em português; 8) mencionar se foi despertado interesse, após a leitura (em tradução), em ler a história na língua original (inglês, francês, espanhol etc.) e, por fim; 9) investigar sobre o contato com textos de origem estrangeira que falam de outro país, outras culturas e outras formas de pensar, se já influenciou opiniões, sobre algum assunto ou modificaram comportamento. Com efeito, vislumbrar um enfoque mais específico proposto pela pesquisa priorizando a literatura estrangeira como tema central.

Nesse sentido, a partir da riqueza de dados e o espaço em que se dispõe essa discussão, selecionamos as questões de número 1, 2, 3, 4 e 9 que, em um primeiro momento, a nosso ver, abrange a proposta inicial a que o trabalho se dispõe e, de outro modo, coadunam com estudos anteriores a este, desenvolvidos pela mesma pesquisadora (Daiane Francis Ferreira), acerca da presença da literatura estrangeira em livros didáticos, sobre os

quais podemos destacar: A presença da literatura estrangeira em livros didáticos de Língua, (2012) e Ensino de literatura estrangeira e leitura literária na Universidade Federal do Espírito Santo (1985-2010), (2013). Esses trabalhos estiveram inseridos no mesmo contexto em que este, na medida em que se desenvolveram sob a mesma orientação e, foram inscritos no mesmo grupo de pesquisa. Desse modo, a atual pesquisa exerce uma tentada continuidade nas investigações anteriores.

Assim, após a leitura minuciosa dos questionários respondidos, os dados foram catalogados e levantamos, em primeiro momento, um critério de tabulação para as questões que seriam analisadas, visto que algumas respostas, apesar de variadas, apresentavam repetidos relatos. Nesse sentido, consideramos para as justificativas da questão 2 os adjetivos apresentados: “ bom”, “muito bom”, “ruim”, “muito ruim” e sem resposta - como forma de caracterizar pontualmente a opinião de cada respondente sobre a temática e, para as justificativas das questões 3, 4 e 9 com o objetivo de dá a ver, através do somatório de repetições, o discurso coletivo representado pelo *corpus* em análise, apresentamos um recorte objetivo dos registros de respostas relativo a cada questão. Além disso, construímos tabelas e gráficos a partir dos dados das questões objetivas apresentando, por um lado, os números totais referentes a cada nível de ensino pesquisado e, por outro, os números totais correlacionados a um referencial de porcentagem.

Em vista disso, segue a apresentação dos dados.

4 – Resultados e Discussão

Tendo em mente que a literatura estrangeira tem um papel de destaque no ensino da literatura em diversos âmbitos, seja ele nas séries finais da educação básica (1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio) como acontece atualmente através do estudo dos períodos literários, ou nos cursos superiores, em especial nos cursos de Letras, que, em sua maioria, adotam obras internacionais para leitura e análise, consideramos que o preparo para dialogar com estas informações dá-se, privilegiadamente, nas aulas de literatura, que, por sua vez, acontece através dos manuais didáticos presentes atualmente, na maioria das escolas públicas do país, e segundo Chopin:

[...] em um país como o Brasil, por exemplo, os livros didáticos correspondiam, no início do século XX, a dois terços dos livros publicados, e representavam, ainda em 1996, aproximadamente a 61% da produção nacional. (Choppin, 2004, p. 551)

Nesse sentido, considerando os livros didáticos um suporte de ensino aprendizagem de grande relevância, no nosso caso, que possibilita de algum modo o contato com a Literatura e, em especial, com a Literatura estrangeira, segue os dados sobre as impressões dos sujeitos pesquisados que estão inseridos numa comunidade particular e representativa de estudantes. A partir dessas, podemos verificar, por meio dos relatos, a importância /responsabilidade social e educacional que o livro didático assume nesse contexto escolar que, está para além da exposição de conteúdos curriculares, pois, um número considerável de alunos admite ter como suporte de Leitura e Literatura somente esse material.

A primeira questão, conforme mencionado anteriormente, trata da idade e do ano escolar dos alunos, esse dado norteia, de modo geral, as análises coletivas de alunos dos primeiros, segundos e terceiros anos do ensino médio das três escolas pesquisadas:

Questão 1			
Ano letivo e número de alunos			Total de alunos
1º Ano - 89 alunos	2º Ano - 71	3º Ano - 71 alunos	231
Média de idade			
15,33	16,37	17,14	

Tabela 01: Idade e ano letivo dos alunos entrevistados.

Observamos 231 alunos respondentes à pesquisa, desses, oitenta e nove estudantes matriculados no primeiro ano, setenta e um alunos no segundo ano e mais 71 alunos no terceiro ano do ensino médio. Para cada ano em que os alunos estão matriculados, verificou-se uma média regular em relação à faixa etária de idade esperada para alunos dos respectivos anos do ensino médio tendo como referência o artigo 4º parágrafo I da LEI Nº 12.796, DE 4 DE ABRIL DE 2013 que, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para dispor sobre a educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade. Observamos algumas opiniões comuns às faixas etárias e ao ano de matrícula dos alunos e, nesse sentido, esse dado nos ajuda a verificar que, as percepções destes não estão atreladas a um aspecto meramente temporal, mas podem correlacionar-se a vários outros aspectos no contexto escolar que abrange desde o espaço e tempo em que estes então inseridos ao modo mais particular de como se relacionam com os seus materiais de leitura, e nesse caso, principalmente, com o livro didático de língua portuguesa.

Na tabela que segue, apresentamos de modo panorâmico opiniões entre todos os entrevistados sobre os textos literários presentes no livro didático de Língua Portuguesa.

Questão 2								
Justificativas – 1º Ano			Justificativas – 2º Ano			Justificativas – 3º Ano		
Respostas	Total	%	Respostas	Total	%	Respostas	Total	%
Bom	41	46,07	Bom	29	40,85	Bom	33	46,48
Muito bom	17	19,10	Muito bom	13	18,31	Muito bom	20	28,17
Médio	10	11,24	Médio	17	23,94	Médio	12	16,90
Ruim	7	7,87	Ruim	6	8,45	Ruim	4	5,63
Muito Ruim	2	2,25	Muito Ruim		0,00	Muito Ruim		0,00
Sem resposta	12	13,48	Sem resposta	6	8,45	Sem resposta	2	2,82

Tabela 02: Opinião dos alunos sintetizada em adjetivo.

Visualiza-se diferentes posicionamentos colocados em evidência por apenas um adjetivo, estes variam desde muito positivos a muito negativos incluindo sujeitos que escolheram se isentar à resposta. Se considerado a partir de um percentual, dos alunos que avaliaram “bom” os textos literários presentes em seus livros (como vemos exposto quantitativamente na tabela acima e visualmente no gráfico abaixo), há pouca diferença de opiniões

entre os anos do ensino médio. No entanto, ao fazer a mesma comparação, ao longo dos três anos de vida escolar, avaliando os dados da tabela, podemos verificar um crescimento de 9,07 por cento entre os conceitos ditos “muito bom”. Esse crescimento positivo reverbera na medida em que nenhum aluno do terceiro ano do ensino médio, ou seja, o aluno finalista da educação básica prefere isentar-se de negar a qualidade dos textos literários em seu livro do que categorizá-lo como “muito ruim” e, em paralelo a isso, o número de alunos finalistas que usam o adjetivo “ruim” em suas respostas é menor do que os de segundo ano e, mais ainda, em relação às opiniões dos alunos ingressantes no ensino médio.

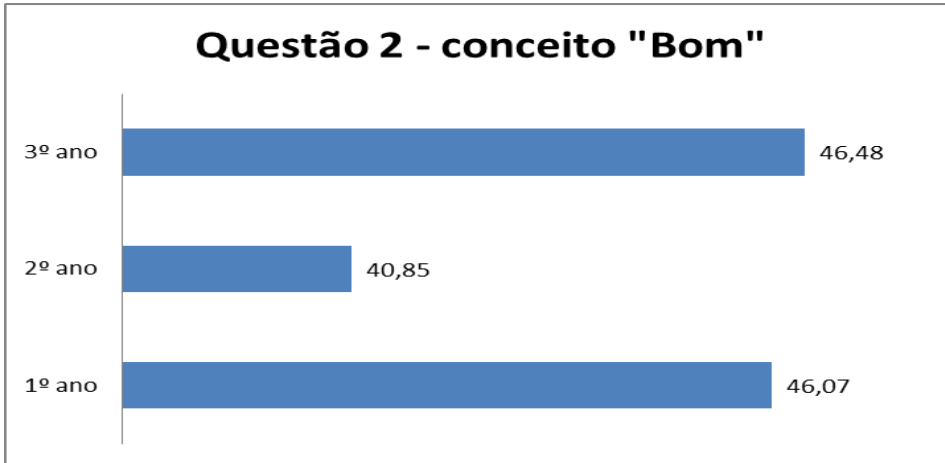


Gráfico 01: Categorização dos textos literários como “bom”.

Outro dado interessante a ser observado na tabela anterior é o fato de que, entre as respostas dos alunos de primeiro ano para os de segundo ano, houve um crescimento relativo das opiniões em que considera os textos de “médio” valor formativo/apreciativo/educacional (que é bom, mas que precisa melhorar, ou não parece totalmente satisfatório). Esse dado, portanto, é visto de um modo menos exigente pelos alunos finalistas.

Em relação à categorização dos conceitos de modo geral, figura-se no gráfico abaixo opinião entre os 231 alunos respondentes.

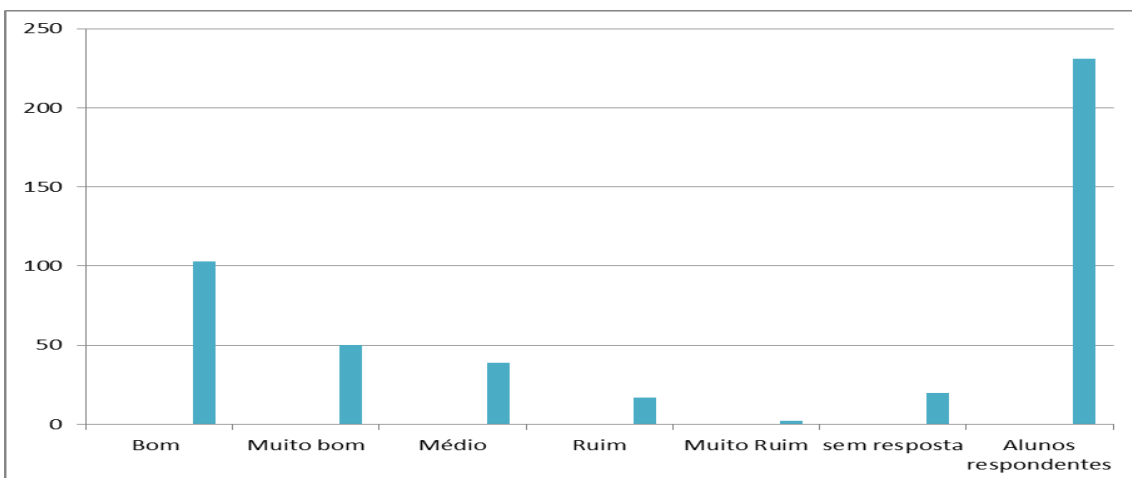


Gráfico 02: Opinião total dos alunos sintetizada em adjetivos.

Logo, observamos que, um pouco mais de cem dos sujeitos demonstram satisfação em relação aos textos literários presentes no livro didático de Língua Portuguesa os adjetivando como “bom” e, ao mesmo tempo, quase cinquenta alunos declaram uma satisfação relativa, na medida em que adjetivam suas opiniões como “médio”. Por outro lado, em relação aos alunos que declararam os textos “muito ruim”, verifica-se uma totalidade muito maior de alunos que se isentam de fazer quaisquer registro sobre essa questão. Essa observação, partindo do pressuposto de que o aluno também é protagonista do sistema do ensino, nos leva a vários questionamentos, dentre esses, sobre o modo de como os alunos se colocam ativo e criticamente diante do que lhe é apresentado como material didático e sobre os impactos que essa postura pode causar ao longo dos anos na história da produção dos livros, mais detidamente, na vida educacional de alunos da rede pública do ensino médio.

Em relação à percepção dos alunos quanto à presença de textos de origem estrangeira (textos produzidos por autores de outros países) em seus livros didáticos temos:

Questão 3								
Total – 1º ano			Total- 2º ano			Total – 3º ano		
Sim	Não	Branco	Sim	Não	Branco	Sim	Não	Branco
60	26	3	54	17		28	39	4
Percentual			Percentual			Percentual		
67,42	29,21	3,37	76,06	23,94	0,00	39,44	54,93	5,63

Tabela 03: Percepção de textos de origem estrangeira.

A partir de uma perspectiva linear do primeiro para o terceiro ano do ensino médio, verifica-se que, mais de cinquenta por cento dos alunos do primeiro e segundo ano declaram perceber a presença de textos estrangeiros em seus livros didáticos de língua portuguesa e, em contraposição a esse dado, somente 39,44 por cento dos alunos de terceiro ano confirmam essa realidade no período em que estão se relacionando com esse material. De um modo geral e mais objetivo, observamos no gráfico que segue:

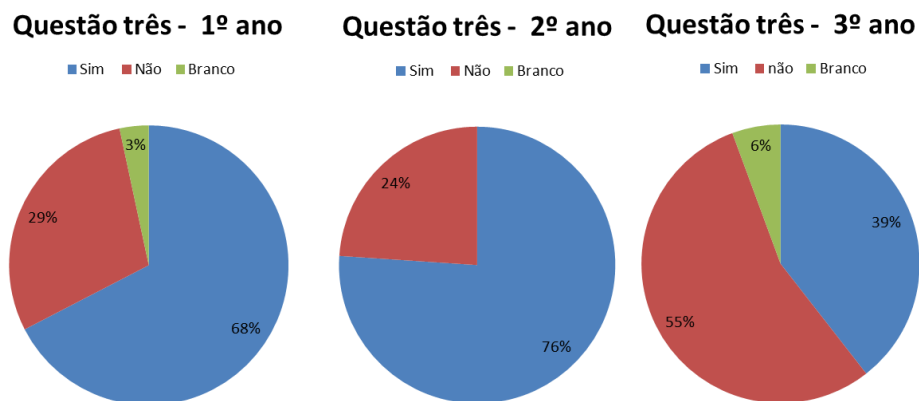


Gráfico 03: Respostas gerais sobre textos de origem estrangeira por ano do ensino médio.

Nesse sentido, coloca-se em evidência o fato de que, os alunos de terceiro ano são os que menos assumem a presença de textos de origens estrangeira em seus livros. E acontece de modo oposto no ano anterior, de forma que no primeiro ano do ensino médio as declarações positivas em relação a essa presença permanecem ainda maior que no último ano do ensino médio. E nesse sentido, podemos nortear as hipóteses das repostas objetivas por meio das repetidas justificativas a respeito da questão que seguem.

Para os alunos que assumem a presença de textos estrangeiros em seus livros, a argumentação se valida no fato de que veem: sobre trovadorismo, linguagem de Portugal, textos antigos, de amor, o que mais tem, possui obras de Portugal, muito difícil, tem literatura de Portugal, poemas portugueses, português de Portugal, de outros países e mais literatura portuguesa, nunca li, não sei, influências das literaturas de Portugal e África, a língua vem do português de Portugal, Português de Portugal, As janelas de Guilherme Apolinare [sic], francesa e portuguesa; sim, mas não influencia em nada; são bacanas, não ele não é do Brasil, traz exemplos de educação, nunca reparei, textos de Shakespeare traduzidos, trechos de livros estrangeiros, na parte de literatura como teatro e poesia, não tenho certeza; texto de Portugal, sobre português, português de Portugal, autores de Portugal, texto literários de origem portuguesa, identifica-se pela referência; autores que moram em outros países, português de Portugal, só que são trechos, literatura portuguesa, sobre romantismo e realismo - os poemas - autores de Portugal, texto de Portugal, fragmentos de texto português, autores de Portugal, no romantismo, trechos de filmes de sucesso; portugueses, espanhóis e etc; realismo e naturalismo, literatura de Portugal e traduções do grego, Edgar Alan Poe, alguns autores de nacionalidade portuguesa; textos de Portugal, dos Estados Unidos entre outros.

Para os alunos que não identificam textos estrangeiros em seus livros: não é necessário, não tive contato, são de amor, conteúdo é de literatura brasileira, nunca vi, são só autores do nosso país, não sei, não procurei, os autores são brasileiros; não sei, só o livro de inglês, nunca vi, porque aqui é Brasil; os autores não são estrangeiros, não sei, só no livro de inglês, alguns autores estrangeiros; não faço ideia, os textos são todos de origem nacional, o livro não contém, não sei, o livro trata especificamente de modernismo brasileiro, nunca vi; não apresentam justificativas; não percebi, não sei todos os textos do livro; nunca vi; nunca reparei; não lembro; até onde li não encontrei.

A partir do exposto, ainda que tenhamos o somatório de justificativas apresentadas para cada posicionamento dos sujeitos, podemos perceber, ao contrário do que se evidencia através do gráfico sobre opiniões no terceiro ano e, em favor do que se destaca no primeiro e segundo ano de ensino médio, as declarações retratadas sobre a não presença de textos estrangeiros é bem inferior as que dizem o contrário. Por outro lado, os alunos que reificam textos estrangeiros se colocam de maneira muito mais evidente e repetitiva, destacando desse modo, a presença de textos estrangeiros por meio da influência de Portugal e da literatura portuguesa no contexto de ensino de Literatura. Nesse sentido observamos:

Questão 4								
Total – 1º ano			Total – 2º ano			Total – 3º ano		
Sim	Não	Branco	Sim	Não	Branco	Sim	Não	Branco
25	61	3	14	56	1	7	60	4

Percentual			Percentual			Percentual		
28,09	68,54	3,37	19,72	78,87	1,41	9,86	84,51	5,63

Tabela 04: Interesse de pesquisa ao notar textos estrangeiros

Essa tabela exhibe de modo abrangente as opiniões positivas e negativas baseadas nas respostas e nas justificativas da questão anterior (questão três), expõe se algum texto estrangeiro presente no livro didático chamou a atenção do aluno a ponto de despertar vontade de pesquisar mais sobre o assunto, sobre o autor ou sobre o país do autor. Nesse sentido, ainda que esteja muito evidente a consciência preponderante sobre a presença dos textos estrangeiros apresentado anteriormente, podemos notar, de modo muito claro, a não atração por novas leituras a respeito do que foi identificado como texto estrangeiro. Em todos os anos do ensino médio mais de sessenta por cento dos alunos certificam o fato de que os textos não chamaram a atenção o suficiente a prestarem novas pesquisas. De modo geral, poucos se isentam de responder sobre um possível empenho de saber mais sobre textos estrangeiros durante a seu percurso de leitura no livro didático de língua portuguesa. Por outro lado, é possível notar alunos que declaram ir além do que veem no material didático em questão.

Dentre as justificativas sobre o porquê de pesquisar mais (ou não) ao notar a presença de textos estrangeiros, os alunos que responderam negativamente justificam: Não vi, não tem, falta inclusão, não me interessou; não tem texto estrangeiro, se o professor pedir, nunca vi, é estressante, não me interessa, não chama atenção, é chato, porque termina triste; Nunca procurei, não tive vontade, não chama atenção, ainda não nos aprofundamos, não conheci os textos; nunca li, não tem autor estrangeiro, não tenho hábito de leitura, não chama atenção, não tive interesse, não chama atenção, é difícil achar; não me interessa, não me interessei porque não sou acostumada, mal utilizamos o livro, não leio, não sei se possui textos estrangeiros, não tenho tempo - não há interesse, não gosto de ler; não tem, não cheguei a ler; não chama a atenção e quando faz a história é incompleta, não leio muito, não fiquei interessada, gosto de outros livros como evangélicos, não tenho tempo; nunca li nenhum; não gosto; prefiro a literatura brasileira; não tive interesse; acho complicado e chato, alguns textos são bastante distante da nossa realidade, não gosto de ler, porque prefiro autores brasileiros, não me aprofundei em nenhum assunto do livro, os textos portugueses chamam menos atenção que os brasileiros; Textos estrangeiro não é de meu interesse, não vi, não tive contato com esses tipo de texto, não li nenhum, não me chamou a atenção, prefiro pesquisar sobre o meu país; se for muito complicado, sim; não me interessa literatura; Não chama minha atenção.

Das razões de alunos que responderam positivamente temos: Conteúdos diferenciados, não lembra, é bom saber mais; vontade de saber mais, já pesquisei sobre alguns autores e textos, os textos portugueses, pela cultura diferente; quando o assunto tem conclusão incrível, ideias de autores incríveis, o inglês - palavras que não conhecia; esqueci, com tradução de música tive curiosidade de pesquisar o autor, de Shakespeare, a pesquisa nos leva além; sobre o livro e filme, sobre o assunto para me informar mais, não gosto de ler; os Lusíadas, alguns textos, A moreninha, as cantigas do Trovadorismo, por causa da cultura diferenciada, estruturas dos poemas, porque é sempre bom saber coisas novas.; Senhor dos anéis; sobre a filosofia de Pierre Bourdieu; por trabalho de escola e por interesse na bibliografia do autor; pesquisei sobre Machado de Assis; para saber o que passava no país na época; porque é muito interessante; Alguns textos do Trovadorismo; Já presenciei em outros livros; autores contando a história do seu país; por causa da linguagem enriquecida pesquisei para compreender.

O movimento de justificativas sobre a questão quatro segue a mesma lógica da questão três; se as adesões foram predominantemente positivas, há um número maior de justificativas favoráveis a essa assertiva e, se prevalecem posicionamentos negativos, logo, destacam-se também justificativas que corroboram com essas posições.

Sobre a questão nove que, de certo modo, dá a ver uma pequena amostra de um possível impacto sociocultural de aprendizagem, dada as diferentes impressões dos alunos frente a textos estrangeiros ao longo do ensino médio, ao verificar se o contato com textos de origem estrangeira que falam de outros países, outras culturas e outras formas de pensar já influenciaram a opinião sobre algum assunto ou modificaram o comportamento do aluno entrevistado, constata-se por meio dos dados disposto no gráfico abaixo.

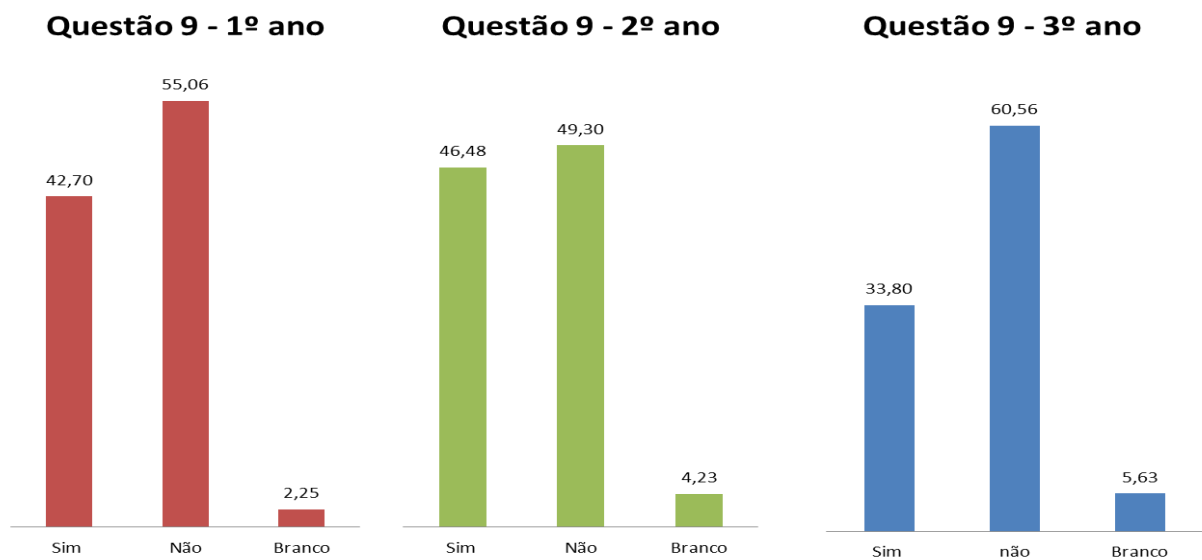


Gráfico 03: Respostas gerais por ano do ensino médio.

Nesse sentido, verificamos por meio dos dados catalogados, predominantemente, a não influência dos textos estrangeiros em seus modos de pensar e agir na vida social.

As justificativas variam de: eu sempre tive conhecimento de outras culturas e não me influencia em nada; Não preciso me acostumar nem mudar minhas opiniões por um costume ou tradição estrangeira; apesar de ler sobre outras culturas continuo seguindo a do Brasil; os livros que utilizamos não são históricos; não sou influenciada; quando modifica nossos comportamentos acho que é pra melhor; não me influencia; não consigo ler nada; textos estrangeiros e nem brasileiros me influenciaram; não leio livros; sem justificativas; não influência em nada; sem justificativas; não tenho exemplo; sem justificativas; tudo que for produtivo é interessante absorver; não leio; são culturas diferentes e não vejo hábitos deles aqui; porque são hábitos diferentes; nunca li livros de origem estrangeira; sem justificativas; porque o que li era ficção; leio coisas de época medieval, não tenho como tirar para dias de hoje; sem justificativas – para os alunos que declararam a não influência.

Quando justificam o fato de que os textos influenciam em suas vidas, respondem: as Crônicas de Narnia; fiz novas amizades, conheci outras pessoas, fiquei mais feliz; me faz questionar certos assuntos e ter um interesse sobre pesquisas científicas; dá vontade de saber querer participar mais da cultura deles; na forma de pensar e ter outro conhecimento sobre a literatura brasileira ou estrangeira; um exemplo é a bíblia; alguns lugares são diferentes do que eu pensava; já peguei vários exemplos do livro "A vida é bela"; porque dá conhecimentos novos; melhora a leitura; faz refletir sobre a vida; mais ou menos; não lembro o nome; aprender língua é cultura; pensar no contexto do livro; dá mais interesse de ler; faz refletir o meu modo de vida e me ajudou a valorizar tudo que tenho; a obra "Triste fim", de Policarpo Quaresma me fez pensar diferente em relação a cultura brasileira; alguns textos mudam nossa forma de pensar, nos amadurece; nossa mente se abre para novas opiniões e conhecimentos; é bom que acaba com o preconceito entre outras Línguas; a maneira de ver o mundo como um "mix" de culturas e não um grupo fechado; acabou o preconceito sobre outras culturas estrangeiras pois passei a conhecer mais o assunto; depois de ter lido o "Auto da barca do inferno" mudei meu pensamento sobre a riqueza; o livro "Pirâmide vermelha" mudou alguns conceitos meus sobre deuses; porque você aprende ler e escrever palavras novas em outras línguas; vontade de morar fora; qualquer texto influencia na formação de caráter; me faz refletir em certas escolhas que temos e como agimos com os outros; influencia meu modo de pensar e agir; modificaram meu pensamento; aprender coisas diferentes; ajuda a duvidar da religião; muda a forma de pensar; a educação que eles tem no Japão; refletir sobre posições diferenciadas; sobre a relação de poder e os deveres do governo e contra o absolutismo; os livros de Jonh Green, por exemplo me ajudam a ver a vida mais positiva; o modo como as pessoas pensam sobre certos assuntos; ao ler um texto sobre natureza no livro de inglês mudei minha forma de agir em relação ao tratamento com o lixo; interesse em conhecer o país; o modo de pensar em relação aos outros e a mudança de comportamento; conhecimento de novas culturas, povos e rituais; Formas de tratar as pessoas; ajudam a mudar atitudes erradas; muda meu modo de pensar; estou fazendo um curso de inglês para conhecer a Inglaterra; vontade de conhecer novas culturas, aprender novos idiomas e até mesmo conhecer novos lugares; passamos a adotar alguns costumes que não tínhamos antes (na fala, modo de agir, vestir, entre outros); porque foge da mesmice, passamos a aprender forma e coisas diferentes; porque ao ler imagino e fico com aquilo na cabeça; muda minha forma de pensar, estudar mais para conhecer lugares estrangeiros e culturas diferentes; interesse de aprender mais sobre a cultura e história de outro país; caráter das pessoas; a cultura do Japão muito me impressiona, muito do que sou é por ter lido mangás; formas de ver uma cidade, cultura e etc; faz conhecer a cultura e história do país; em algumas vezes influenciaram minha opinião; me faz ser uma pessoa mais "mente aberta"; muda meu modo de pensar; me ensina a respeitar mais o outro; vontade de conhecer novas línguas e novos países; me fizeram refletir; influenciaram na minha vontade de viajar mais e conhecer outras culturas; no meu modo de pensar sobre outro país; porque gosto de outras culturas e diferentes línguas, todos os textos me chamam a atenção; aprendizado pessoal e melhorar a ortografia; o modo de falar; modificam meu pensamento e me fazem gostar de línguas estrangeiras; me mostra que devemos respeitar as diferenças e a individualidade do outro pra vivermos em um mundo melhor.

Quanto à exposição desses dados destaca-se dois pontos principais: diz respeito ao crescente percentual de respostas do primeiro para o terceiro ano que se eximem de se colocar de modo positivo ou negativo sobre a pergunta dada. E de outro modo, verifica-se que, ao contrário dos alunos que justificam a não influência dos textos estrangeiros identificados nos livros didáticos de língua portuguesa, destacando-se como maioria e

demonstrando uma brevidade de argumentação, as justificativas dos alunos que se colocam positivamente a questão parecem muito mais estendidas e, portanto, dá a ver um envolvimento dos sujeitos não só na relação aluno leitor e conteúdos, mas também, diz, de algum modo, de como esses conteúdos se estendem e dão sentido a educação e a vida desses sujeitos.

5 – Conclusões

Retomando as proposições objetivas primeiras, essa pesquisa tentou compreender se as obras didáticas de Língua Portuguesa que circulam no ambiente escolar em questão priorizavam alguma cultura internacional específica, a ponto de chamar a atenção do público juvenil e influenciá-lo sobre determinado acontecimento, país ou costume e, além disso, identificar a percepção do público juvenil acerca da presença da literatura de origem estrangeira nos livros didáticos de Língua Portuguesa. Visamos a inventariar um corpo bibliográfico-documental que estivesse à disposição de outros pesquisadores e refletir sobre Leitura, Literatura estrangeira e Materiais didáticos, especificamente, no estado do Espírito Santo. Nessa tentativa, além das reflexões trazidas a lume, essa pesquisa resultou em proposta de participação à III Jornada/II congresso sobre Ensino de Línguas Estrangeiras, na Universidade Federal do Espírito Santo, bem como, em elaboração e submissão de artigo à revista “Litterae - Perspectivas do ensino de línguas e literaturas” - ISSN: 2238-1848, em fase de aprovação.

Como resultados sintéticos podemos considerar três fatores que se destacaram: 1) a percepção da presença de cultura internacional através dos textos nos livros didáticos de língua portuguesa ainda que não seja de um modo totalitário; 2) o interesse de muitos alunos em pesquisar e saber mais sobre conteúdos estrangeiros que lhes parecem alheio às suas realidades e que, em suas opiniões, auxiliam no processo de emancipação dos sujeitos; desses, de acordo com os dados verifica-se sempre respostas divergentes. O terceiro fator diz respeito ao caso de que muitos sujeitos optaram por isentar-se de respostas, o que, de certo modo, também dá a ver um posicionamento político diante da pesquisa.

Colocando em uma perspectiva dialógica as questões de pesquisa, a metodologia aplicada, o referencial teórico e os resultados dados a ver por meio das respostas de alunos do ensino médio das três escolas da grande vitória nas cidades de Cariacica, Serra e Guarapari. Convém rememorar sobre uma das propriedades colocadas por Pierre Bourdieu em relação à noção de *habitus*:

Ela é importante para lembrar que os agentes têm uma história, que são o produto de uma história individual, de uma educação associada a determinado meio, além de serem o produto de uma história coletiva, e que em particular as categorias de pensamento, as categorias do juízo, os esquemas de percepção, os sistemas de valores, etc. são o produto da incorporação de estruturas sociais. (BOURDIEU, 2011, p. 58).

Nesse sentido, parece importante salientar que os dados objetivos apreciados não correspondem puro e simplesmente às afirmativas “sim” ou “não”, esses posicionamentos dizem respeito a uma história coletiva e individual de cada sujeito respondente, história essa fruto de um percurso de escolarização e de educação, mais particularmente, diz respeito a um sistema de valores individuais, institucionais e sociais, de políticas e perspectivas educacionais em um contexto particular e amostral de ensino médio do Espírito Santo.

Essas marcas de percepções e categorias de pensamento se evidenciam claramente quando, nos espaços para justificativas sobre a influência dos textos estrangeiros em seus modos de pensar e agir na vida social, os alunos imprimem sentido a seus sistemas de preferências por meio de diferentes argumentos que variam desde um “não sei”, evidenciando, talvez, a uma falta de disposição à resposta, até argumentações mais elaboradas, como: “me mostra que devemos respeitar as diferenças e a individualidade do outro pra vivermos em um mundo melhor”. E, a partir de declarações como essa, podemos inferir que, ainda que a pesquisa demonstre um menor percentual sobre os alunos que assumem uma possível influência de textos estrangeiros a novos modos de pesquisas, de saber e inventar suas realidades de ensino aprendizagem, ainda é possível identificar dados muito positivos sobre os modos de como os alunos se apropriam daquilo que está disposto por meio de seus livros didáticos no sistema de ensino em que estes estão inseridos.

Para além dos resultados que se destacam de modo objetivo e dos explicitados através dos argumentos individuais de cada participante, refletimos também, de modo muito particular, sobre os dados referentes aos sujeitos que não se posicionaram positiva ou negativamente em relação às questões dispostas, essa ausência de registro somadas as opiniões apresentadas dão a ver marcas representativas de perfis de leitores de uma determinada realidade cultural a qual, se por um lado, dispõe sobre a falta de qualidade dos textos literários presentes nos livros didáticos de língua portuguesa faz lembrar que, “As formas materiais da escrita ou as competências culturais dos leitores sempre delimitam as fronteiras da compreensão. Mas sempre também a apropriação é criadora, produção de uma diferença, de proposta de um sentido provavelmente inesperado”. (CHARTIER, 2011a, p. 280). E nesse sentido, permanece o espírito de pesquisa em inventariar dados que evidenciam, não somente realidades duais, tão pouco as silenciosas, mas, sobretudo dados inesperados que alimentam a esperança sobre a construção de sujeitos críticos e de uma sociedade mais solidária a favor da formação e emancipação de sujeitos.

6 – Referências Bibliográficas

BRASIL. *LEI nº 12.796, de 4 de abril de 2013*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Presidência da República, Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm#art2>. Acesso em: 23 de junho. 2015.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*: Estudos avançados 11 (5), 1991.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Tradução Fulvia Moretto. São Paulo: Edunesp, 2002.

CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. 5ª. Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CHARTIER, Roger. *A força das representações: história e ficção*. João Cezar de Castro Rocha (Org.). Chapecó, Santa Catarina: Argos, 2011a.

CHOPPIN, Alain. *História dos livros e das edições didáticas: Educação e Pesquisa*. didáticas: Educação e Pesquisa. de Maria Adriana C. Cappello. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004.

FERREIRA, Daiane Francis. *A presença da literatura estrangeira em livros didáticos de Língua Portuguesa para o Ensino Médio*. Vitória. 2012. (Em fase de publicação).

FERREIRA, Daiane Francis. *Ensino de literatura estrangeira e leitura literária na Universidade Federal do Espírito Santo (1985-2010)*. Vitória. 2013. (Em fase de publicação).